

Fundação Getulio Vargas

Tópico: CPS

Veículo: Revista Veja - SP

Página: 8/90-95

Data: 13/07/2016

Editoria: BRASIL

90 Crise A piora na vida
dos mais pobres



PARA ELES, A VIDA PIOROU

VEJA revisitou brasileiros cuja realidade havia melhorado em 2010 e constatou na vida real o que as estatísticas registram no papel: a fome voltou a rondar as mesas, e os sonhos, como o de fazer faculdade, deram lugar ao medo do desemprego **PIETER ZALIS**

A PREVISÃO CONSTAVA de um estudo do Ipea feito em 2010: em 2016, dizia, a miséria daria traço no Brasil — a pobreza extrema estaria “praticamente superada” e se transformaria em uma insignificância estatística. Havia razão para tanto otimismo. Naquele ano, o último do segundo mandato de Luiz Inácio Lula da Silva, o crescimento do PIB havia fechado em 7,5%, o maior desde 1986. Mais de 13 milhões de brasileiros já tinham desembarcado da extrema pobreza, e o poder de compra do salário mínimo havia aumenta-

do quase 10% ao ano, no período compreendido entre 1995 e 2008. Passados seis anos, no entanto, o Brasil anda de marcha a ré. Novos estudos, estes coordenados por Marcelo Neri, do Centro de Políticas Sociais da Fundação Getulio Vargas (FGV), indicam que os miseráveis — aqueles que não deveriam mais existir em 2016 — estão, na verdade, prestes a aumentar.

Um dos dados que mostram a iminência desse fenômeno é a queda inédita e simultânea de dois índices importantes no último trimestre de

2015: o da renda da população e o da “taxa de equidade”, que mede quanto o país está mais igual — e, portanto, menos desigual. Ambos compõem o índice de bem-estar social da FGV. As duas quedas, da renda e da equidade, decorrem dos mesmos fatores, afirma Neri: “A inflação leva dois terços da culpa e a falta de emprego, incluindo o informal, é responsável pelo outro terço”.

Até o fim de 2016, a renda per capita dos brasileiros deve recuar quase 10% em relação a 2014, aponta outro



2002



2010

2016 DE VOLTA À FOME

Em 2002, a família de Manoelina Roque de Souza passava fome. Seu filho mais velho, Mateus, tinha 3 anos e meio, mas pesava tanto quanto um bebê de 8 meses (na foto em preto e branco). Com o crescimento da economia e os programas sociais, a vida melhorou. Em 2010, Manoelina morava em um apartamento em Itinga (MG), obtido por meio do programa Minha Casa, Minha Vida, e tinha não uma, mas duas televisões. Em 2014, uma tragédia: Mateus morreu afogado. E o fantasma da fome, que parecia distante, voltou a rondar a mesa de Manoelina. No mês passado, quando falou a VEJA pela terceira vez, ela mostrou sua geladeira vazia. "Na minha casa só tem água." Na despensa, apenas dois potes, um de café e o outro de farinha. Manoelina só comeu naquele dia porque uma filha, casada com um pedreiro, levou para ela as sobras do almoço — arroz com abóbora.

estudo da FGV. Será a segunda maior queda em 116 anos. Pior que esse tombo, apenas o do triênio 1981-1983, também marcado por uma crise econômica grave. Segundo um estudo da consultoria Tendências, a derrocada vai levar 7,8 milhões de brasileiros de volta à pobreza e seu entorno. Se o país não voltar a crescer até 2018, haverá mais pessoas nessa situação do que em 2005, ainda nos primeiros anos do governo Lula, prevê a consultoria.

No mês passado, VEJA percorreu cidades do Ceará, Bahia e Minas Gerais para revisitar brasileiros que em 2010 falaram à revista sobre seus planos e esperanças. O título da reportagem era "A vida melhorou". Nesta apuração, no entanto, o que se viu foi a confirmação, na vida real, daquilo que registram os indicadores econômicos. Para todos os entrevistados, a vida piorou.

Em uma entrevista há menos de duas semanas, a presidente afastada Dilma Rousseff chegou a declarar que a "fotografia histórica" de seu mandato, a que ficará para o futuro, será a da "saída de toda a população brasileira da miséria extrema". É uma vã esperança. A persistência da pobreza não é a única realidade a contrariar os discursos da presidente e de seu partido. A ideia de que a concentração de renda diminuiu sob os governos Lula e Dilma começa a ser questionada, inclusive pela esquerda. Um documento do PSB escrito pelo cientista social, e um dos fundadores do PT, César Benjamin ataca ponto por ponto a tese do legado igualitário petista.

O documento baseia-se em um estudo de pesquisadores da Universidade de Brasília (UnB) que usaram a mesma metodologia para medir a concentração de renda adotada pelo economista francês Thomas Piketty, autor do best-seller *O Capital no Sé-*



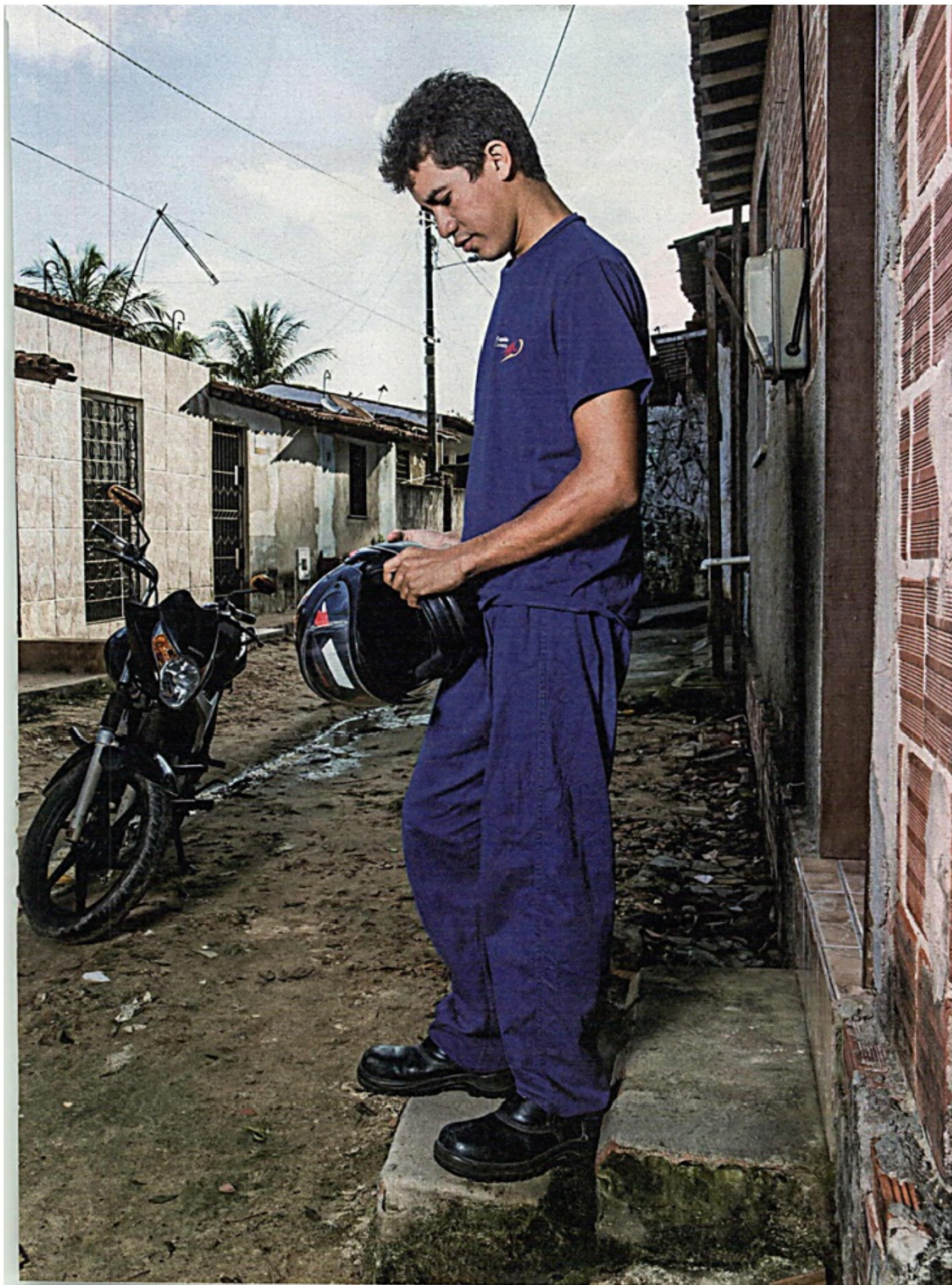
1998



2010

2016 O FIM DO SONHO DA FACULDADE

Em 1998, o menino Raimundo Lima e sua família viviam de catar calangos em Irauçuba (CE), e mal tinham o que comer. Mas a bonança da primeira década do século XXI mudou essa realidade. Em 2010, aos 20 anos, Raimundo havia virado funcionário de uma transportadora em Fortaleza, estava otimista e cheio de planos: "Vou longe. Quero cursar uma faculdade de administração, continuar estudando e ter uma vida melhor". Não deu. Embora tenha passado de carregador a motorista, a faculdade nunca veio, o curso de informática que fez "não serviu para nada" e hoje ele teme perder o pouco que conquistou. Só neste ano, quinze funcionários de seu turno de trabalho na transportadora já foram demitidos. Raimundo vive com medo de ser o próximo.





2016 O SALÁRIO QUE O VENTO LEVOU

Gilmara dos Santos Cerqueira foi capa de VEJA em 2006 porque simbolizava o eleitor que decidiria a disputa daquele ano — negra, ganhava salário mínimo e tinha ensino médio completo. Em 2010, em nova entrevista, ela dizia querer “estudar e conseguir um emprego” sem depender do Bolsa Família. Deu certo. Foi contratada logo depois da reportagem como atendente de uma panificadora. Há dois meses, no entanto, foi demitida de lá. E, embora tenha conseguido novo emprego rapidamente, como monitora em uma creche, diz que o salário (mínimo, como na padaria) não compra como antes. Trocou a carne pelo frango e os 2 quilos de feijão por mês viraram 1. O plano de expandir a casa, em Irará (BA), foi interrompido. Restaram um banheiro, um quarto e uma cozinha sem teto, sem acabamento e sem previsão de término.



2010



2006

culo XXI. Eles levaram em conta não apenas a renda domiciliar, como a do salário, mas também outros ganhos, que incluem patrimônio, herança e investimentos financeiros. Pelos cálculos do governo, baseados somente em dados do IBGE, o coeficiente de Gini (indicador que mede a desigualdade, em que 1 é a desigualdade máxima e 0 a igualdade absoluta) passou de 0,539, em 2006, para 0,496, em 2012. Com as informações coletadas pelos pesquisadores, o cenário que surge é outro. Quase não houve mudança: o índice foi de 0,696 para 0,688. Afirma Benjamin no texto: “O desempenho dos governos do PT é melhor, mas não é qualitativamente diferente do dos governos do PSDB. Essa melhora na margem pode ser explicada pela conjuntura internacional excepcionalmente favorável que prevaleceu durante o segundo mandato de Lula”. O estudo da UnB analisado por Benjamin traz outro dado que corrobora a tese: em 2006, 0,1% da população detinha cerca de 10% da riqueza do país. Em 2012, a porcentagem praticamente se manteve, mostrando que os mais ricos permaneceram na posição de mais ricos, abocanhando a mesma faixa de renda e patrimônio.

Fotografias antigas tendem a fazer o passado parecer melhor do que foi. As lembranças ruins esmaecem e as boas ocupam o primeiro plano. No caso do governo Dilma, infelizmente dá-se o contrário: quanto mais se olha o seu retrato, pior é a memória que se tem dele. O confronto de desempenho entre governos do PSDB e do PT pode ser relevante na disputa política e ideológica, mas para o povo mais miserável, que sofre na pele as consequências de um país sempre desigual, as comparações são uma ninharia que em nada ajuda a amenizar a eterna luta por uma vida menos brutal. ■